

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS
Curso de Formação em Psicanálise
Trabalho do ciclo III

Os três tempos do Édipo em Lacan e a terceira margem do rio em Rosa

Eduardo Benzatti do Carmo

Esse breve artigo pretende relacionar algumas considerações de Hugo Bleichmar extraídas dos capítulos um (“O complexo de Édipo e o Édipo estrutural”), dois (“O Édipo em Lacan – I”), três (“O Édipo em Lacan – II”), quatro (“O conceito de falo em Freud e Lacan”), cinco (“O Édipo em Lacan – 2º tempo”) e seis (“O Édipo em Lacan – 3º tempo”) de seu livro *Introdução ao estudo das perversões*¹ com um conto do escritor João Guimarães Rosa.

Através da análise que Bleichmar faz de um aspecto da teoria Lacaniano percebemos que para Lacan **o conceito de Édipo é estrutura** (subjéctiva), pois não há posições definidas na relação mãe → filho → pai (as posições se definem à medida que o falo² circula; e um sujeito está na estrutura em função do outro e do lugar que ocupa em determinado tempo) e, simultaneamente, **o conceito de Édipo é estruturante**, no sentido que contribui para a constituição do inconsciente **de todos** os personagens que interagem nesse jogo – e não somente da criança como propunha Freud quando elaborou a idéia de “Complexo de Édipo”. O Édipo também é estruturante, pois ao final dessas fases (para Lacan trata-se de três tempos) não somente a formação da sexualidade da criança estará definida, como também a constituição do seu caráter – através da formação do superego.

¹ Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1984.

² “Falo” aqui enquanto “significante de uma falta”, aquilo que “está em lugar da falta”. O autor do texto observa que essa falta, a partir da subjetividade do sujeito, aparecer como presença – a presença do falo enquanto significante da falta (é nesse sentido que o falo **ocupa o lugar** da falta). Se a imagem (do falo imaginário) está presente há a ilusão de completude – expansão do narcisismo, satisfação plena – mas, por outro lado, se algo está presente há também a possibilidade de perdê-lo. Note que o falo imaginário não é somente a imagem do pênis, o falo imaginário pode ser qualquer coisa que complemente a falta e dê a sensação de plenitude.

Lacan divide o Édipo em três tempos. No primeiro a relação se dá entre a criança e a mãe e nele a criança deseja ser tudo (ser o objeto exclusivo de desejo) para a mãe: “Seu desejo é desejo *do* outro, em duplo sentido, ou seja, ser desejado pelo outro e tomar o desejo do outro como se fora o próprio.”³ A criança acredita que a mãe é feliz por causa dela – a criança se sente completa e causadora da felicidade da mãe. Não sabe que a mãe procura sua plenitude narcisista que vai para além dela. A criança crê **ser o** falo da mãe – quando na verdade simboliza o falo –; a criança acredita **sê-lo para** a mãe. É o falo simbólico: algo que circula (se dá e se recebe), pode-se perdê-lo **porque é algo que se tem e não que se é.**

Nesse primeiro tempo temos o que Lacan chama de *ternário imaginário*: a mãe, a criança e o falo (o pai real encontra-se, nesse tempo, velado). A criança se crê o falo, no inconsciente da mãe o falo está simbolizado na imagem da criança. A mãe sente que tem tudo – é a mãe fálica. Afirma Bleichmar:

Tem alguém para quem ela é tudo, tem um súdito incondicional. O menino é o falo para a mãe.

A partir da perspectiva do menino, este é que a faz feliz; não sabe por que, porque não sabe da castração simbólica da mãe.

(...)

Notem que aqui está o conceito de lei (...). No primeiro tempo do Édipo, está encarnada na mãe uma lei onímoda. Não é que haja uma lei e a mãe seja sua representante. É a própria lei. *Assim como o filho é o falo, ela é a lei.*⁴

Já no segundo tempo do Édipo em Lacan temos o desejo do pai frustrando os desejos da mãe e do filho: “O pai intervém efetivamente como privador da mãe em sentido duplo, enquanto priva o menino do objeto de seu desejo e enquanto priva a mãe do objeto fálico. (...) é aqui que encontra o Outro do outro, sua lei.” (Lacan apud Bleichmar; 1984, p.45). Nesse tempo a mãe troca o filho pelo pai; e o pai não fica situado numa relação de total dependência em relação ao desejo da mãe.

Aqui se dá o que se convencionou denominar “castração simbólica”: a criança reconhece que falta algo à mãe – que não é ele; ele **deixou de ser** o falo da mãe; **ele não é** o falo da mãe: “O menino, ao dirigir-se à sua mãe, encontra que há um Outro, neste caso Outro

³ Bleichmar, H. *Introdução ao estudo das perversões*, p. 27.

⁴ *Ibidem*, p. 30.

como o lugar da lei ou significando a lei, à qual a mãe deve se submeter.”⁵ Na “castração simbólica”, a criança deixa de se identificar com o falo, deixa de sê-lo, a mãe perde o falo. O todo criança-falo/mãe-fálica é cortado e de cada parte se corta algo (da primeira, a representação como falo; da segunda o suposto poder de instaurar o falo de acordo com sua vontade): “(...) é a falta em relação a uma presença ilusória.”⁶ É importante assinalar que a “castração simbólica” da mãe inicia-se nesse segundo tempo, mas completa-se no terceiro. Trata-se de um dos processos que num tempo se configura como passagem e em outro se conclui – aliás, as divisões de tempo (do Édipo em Lacan) no sentido linear são assim apresentadas visando um efeito teórico e didático e se configuram considerando-se uma ou outra característica predominante em um ou outro tempo, porém todos os momentos devem ser pensados de forma mais complexa: há características que surgem num e permanecem em desenvolvimento (ou se completam) no outro.

Retomando o outro aspecto desse tempo: o menino então crê que o pai é o falo, pois esse aparece como mensagem proibitiva: “Em relação ao menino: não dormirás com tua mãe. E em relação à mãe: não reintegrarás teu produto.”⁷ Trata-se do pai interditor, terrível e, para a criança, imaginário. Aparece, como a mãe no primeiro tempo, sendo a lei, embora só a presente – o falo tão poderoso que dita/interdita o desejo da mãe. É perfeito; é aquilo que a criança não é: o falo. É imaginário, pois é algo em si mesmo.

Esse pai real – também castrado – está, por sua vez, também submetido à lei. Essa é promovida pelo pai simbólico que não é o pai real e terrível.

O pai simbólico é aquilo que em uma cultura promove a lei/a interdição para todos: “*Não há pai simbólico, sem castração simbólica e sem lei.*”⁸ Na teoria, o significante dessa função do pai simbólico é o que Lacan denominou o “Nome-do-Pai”. É o (ou através do) “Nome-do-Pai” que se instaura o lugar da lei dentro do código. O termo é bíblico e significa o que invoca, que representa a autoridade maior da lei (mas não é a lei), está fora da lei para inscrever nela sua autoridade. Os personagens dessa relação agem em representação da lei: “No nome do pai é onde temos que reconhecer a sustentação da função simbólica que, desde

⁵ Ibidem, p. 46.

⁶ Ibidem, p. 34.

⁷ Ibidem, p. 47.

⁸ Ibidem, p. 50.

a aurora dos tempos simbólicos, identifica sua pessoa com a figura da lei.” (Lacan apud Bleichmar; 1984, p.50).

No terceiro tempo do Édipo em Lacan constataremos que alguns processos iniciados no segundo se completam neste último. Por exemplo: o pai também aceita a lei: trata-se do pai castrado. Assim, nesse tempo a lei e o falo se apresentam como instâncias que estão para além de qualquer um dos personagens da tríade. Afirma Bleichmar:

Em primeiro lugar, produzida a castração simbólica, o filho deixa de ser o falo, tampouco o é o pai como era no segundo tempo; a mãe deixa de ser a lei, tampouco a é o pai. O falo passa a ser algo que poderá se ter ou carecer de, mas que não se é; a lei passa a ser uma instância em cuja representação um personagem possa agir, mas não o será. Logo, no terceiro tempo do Édipo ficam instaurados a lei e o falo como instâncias que estão acima de qualquer personagem.⁹

Nesse tempo, deixando a criança de ser o falo, substitui sua identificação com o Ego Ideal – uma imagem total de perfeição narcisista – pelo o Ideal do Ego – que para Lacan, trata-se de uma *constelação de insígnias* (um símbolo que inscreve o lugar determinado que alguém ocupa). A criança não se identifica com a pessoa do pai, mas com as insígnias do pai - com os significantes dos quais o pai é suporte, por exemplo, as insígnias da masculinidade. O Ideal do Ego também está voltado à questão do desejo do sujeito – ao fato do sujeito assumir a sua masculinidade ou a feminilidade dependendo de sua identificação com uma conduta que pertença ou não à classe dos homens. Essa identificação o dotará de uma insígnia – conduta sexual que o torna membro da classe dos homens, por exemplo: masculinidade. É a diferença entre ter o falo ou imaginar sê-lo.

Ao final o pai aparece como instaurador de uma lei – que está para além dele próprio que é a lei do incesto. Completa Bleichmar:

(...), como resultado disso surgem duas conseqüências que se produzem no terceiro tempo do Édipo: a) *a aceitação da lei*. Ao aceitar a lei, a lei que se aceita por antonomásia é a lei do incesto, que não só proíbe a relação sexual com a mãe como também a possibilita com outras mulheres. Por isso, Lacan diz que, no terceiro tempo, o pai aparece como permissivo e doador (...) realizada a castração simbólica a lei é ‘não dormirás com a tua mãe, mas sim com *qualquer* outra mulher’. O pai aparece

⁹ Ibidem, p. 57.

como aquele que outorga o direito à sexualidade e, como consequência, produz-se a assunção da identidade de ser sexuado, identidade de acordo com a natureza de cada um.¹⁰

Ao final dos três tempos então percebemos que o falo está na cultura para além de qualquer dos personagens da relação – seja da criança, da mãe ou do pai.

Temos até aqui um resumo dos tempos do Édipo em Lacan. Essa teorização possui aspectos mais complexos que não trataremos neste breve artigo. O que pretendemos é deixar em evidência que estamos nos referindo a **um processo de constituição do sujeito**: ao fim o indivíduo pode se constituir como sujeito, pois não é mais o objeto de desejo de outro.

Tentaremos agora utilizar aspectos dessa teoria para reflexão de algumas passagens do conto “A terceira margem do rio”, do escritor João Guimarães Rosa, que compõe um dos seus livros intitulado *Primeiras Estórias*.

No início do conto há a descrição – pelo olhar da criança – de um pai rígido, porém ausente. A descrição sugere ainda a presença de uma mãe-fálica que ocupa essa lacuna do pai – lembremos que a presença da mãe-fálica para Lacan se dá no primeiro tempo da sua teoria sobre o Édipo, tempo esse que se configura também pelo fato do pai estar velado; a mãe-fálica permanecerá nesse lugar caso o pai não ocupe o seu: pai presente e castrador. Inicia Guimarães Rosa:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.¹¹

Nessa (livre) interpretação sugiro que esse pai (quieto) sabe (de forma inconsciente) que não cumpriu, nem cumpre sua função de pai castrador. Sua decisão é então ocupar outro espaço para além da visão (da sua família) e da linguagem (enquanto fala). O pai constrói uma canoa e nela se posiciona no meio de um rio:

¹⁰ Ibidem, pp. 57-58.

¹¹ Rosa, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. P. 79.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beíço e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.¹²

Qual lugar ocupou esse pai – que não exerceu a função esperada: de pai castrador?
O rio – quer pela sua força, quer pelo fluxo de imagens que sugere – parece, a meu ver, simbolizar o inconsciente da criança:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele.¹³

¹² Ibidem, pp.79-80.

¹³ Ibidem, p. 80.

Sabemos que a teoria de Lacan à respeito do Édipo é uma das possibilidades de teorização de um fenômeno psíquico – lembremos que Freud foi o primeiro a fazê-lo e que as duas teorias possuem pontos de aproximação e distância. Na base dessas teorias – além do aguçado poder de observação dos fenômenos – há uma capacidade criativa e imaginativa surpreendente. Pois bem, é essa capacidade humana – da imaginação – que impulsiona também os escritores (no caso de Rosa) e dela vou me utilizar para interpretar passagens desse conto. A meu ver (ou a meu ler), o pai opera um inusitado deslocamento nos tempos do Édipo lacaniano: impossibilitado de enunciar, logo de ser portador da lei, coloca-se num outro espaço onde, também de outra forma, pode também representá-la. Dessa terceira margem do rio – de onde vê, mas não é visto; de onde não fala; mas é falado – cumpre a função de introduzir o “Nome-do Pai”: a lei, ainda que distante/próximo e ainda que tenha falhado em sua função esperada. O pai nesse lugar ocuparia outra posição, ou melhor, aquela mesma posição sugerida por Lacan no seu terceiro tempo de teorização sobre o Édipo, porém por outra via – posicionando-se nesse lugar imaginário, improvável e fascinante que é a terceira margem de um rio – e de outra forma: comportando-se como alguém que está e não está lá; está, mas não responde quem o chama – ou responde pelo enigma da sua presença/ausência:

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento,

aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispendo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.¹⁴

Ao final, esse posicionamento termina por permitir que a criança se constitua como sujeito psicologicamente autônomo, a neurotiza, cresce e decide trocar de lugar com o pai:

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que

¹⁴ Ibidem, p. 80.

nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.¹⁵

A criança/homem vai tomando a idéia de troca de lugar com seu pai – ocupar ela esse lugar de onde se pode também representar a lei. Porém, ao ouvir o chamado do filho, e tornar a aparecer como pai real, ele se dissolve – numa imagem que simboliza o seu fim, pelo fim de sua função. O filho, agora homem/criança, não cumpre a idéia e acaba por adoecer de culpa, esperando se redimir na hora da sua morte – assim termina o conto e esse breve artigo:

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.¹⁶

¹⁵ Ibidem, p. 84.

¹⁶ Ibidem, pp. 84-85.

Referências bibliográficas:

Rosa, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Bleichmar, H. *Introdução ao Estudo das perversões*. Porto Alegre: Ed. Médicas, 1984.

Artigo "Os três tempos do Édipo em Lacan e a terceira margem do rio em Rosa"
São Paulo, SP.
Maio, 2009.

O três tempos do Édipo em Lacan e a terceira margem do rio em Rosa by Eduardo Benzatti do Carmo is licensed under a Creative Commons Atribuição-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License.